

DA

Integra a edição n.º 1026 do «Diário de Aveiro»
e não pode ser vendido separadamente.

Coordenação:
ARMÉNIO BAJOUCA

FIM DE SEMANA

12. NOVEMBRO .88

MAGAZINE



Artes Marciais *Karaté* e seus estilos

Neste sexto capítulo de uma série de textos dedicados às artes marciais, o karaté volta a ser o alvo das nossas atenções. Distinguir e caracterizar os vários estilos desta modalidade tem sido a nossa principal preocupação, mas aproxima-se o momento de mudar de tema. São igualmente merecedoras do mesmo esforço modalidades como o judo, o aikidô e o kendo, entre outras de origem mais recente.

Estamos convencidos que estes pequenos apontamentos têm a sua utilidade. Utilidade, inerente à divul-

gação de modalidades menos conhecidas entre nós, suscitando, deste modo, o interesse pela sua prática. É também por esse motivo que temos procurado realçar não apenas as técnicas específicas de cada estilo, mas igualmente as suas filosofias, lemas e origens.

Resumidamente como já é habitual, é isso o que vamos fazer em relação ao «Shito Ryu», do mestre Kenwa Mabuni, um dos karatés mais divulgados no Mundo.

O Shito Ryu

Esta técnica foi inventada e codificada por K. Mabuni, karateca natural da Ilha de Okinawa.

O Shito Ryu é um estilo de

visa quase exclusivamente o combate directo contra um único adversário.

É característica desse género a grande velocidade e controlo na execução dos movimentos, o que confere ao combate de competição menor perigo. Somente os karatecas de nível avançado podem participar em competição.

Os katas usados pelo Shito Ryu são bastante conhecidos. Shozutri Saipra, Kasaku e Saifa são alguns deles.

Na próxima semana vamos tentar prosseguir esta caminhada pelo universo do karaté e dos seus diversos estilos. Dizemos tentar, porque depois de seis capítulos inteiramente dedicados ao mesmo tema, já não é nada fácil o trabalho de pesquisa. Refira-se, a propósito, que as bibliotecas públicas pareceram-nos mal dotadas neste aspecto.

Sabemos da existência de outras técnicas e estilos do karaté, cuja referência é obrigatória e corremos o risco de cometer alguma omissão imperdoável.

Por esses motivos, a tarefa de dar a conhecer um pouco do que é o karaté e dos seus estilos afigura-se-nos cada vez mais árdua.

No entanto, outras artes marciais há que merecem também a nossa atenção.

Falamos por exemplo do aikidô, do judo e do kendo.



Histórias da moda

Ao ouvirmos falar em camisinha, ocorre-nos de imediato a imagem duma peça de roupa bastante recatada. Contudo, quando uma das suas estreitas alças escorrega «acidentalmente» do ombro, não pode negar-se que aquilo que à primeira vista parecia tão inocente, afinal não o é.

O nome «camisa», nada mais significa afinal do que «invólucro», tal como o seu homónimo, a «camisa» que envolve a maçaroca.

Na Antiga Roma, raras eram as mulheres que usavam a chamada «túnica íntima», passando-se o mesmo com as suas contemporâneas germânicas. Só quando as senhoras da aristocracia começaram a usar vestidos de materiais preciosos, no fim do séc. XVIII, é que

surgiu a necessidade de se pôr algo por baixo, ou porque o tecido era desconfortável junto à pele, ou porque este, sendo demasiado dispendioso, não podia ficar exposto à transpiração.

Fosse qual fosse a razão, a camisinha ou camisolinha não se encontrava à vista.

Foi só por volta de 1500 que esta peça de roupa ousou fazer a sua primeira aparição em público, sob a forma duma pequena faixa de pano em «V», elegantemente drapeada junto ao decote. Castidade — em oposição à trivolidade — era o

lema de então, muito bem ilustrado pelas numerosas pinturas retratando madonas e santas, cujos decotes, ainda que modestos, tinham que ser encobertos. Por outro lado, era



permitido às senhoras da aristocracia mostrar partes do corpo sem as dissimular sob mousseline. E as cortesãs, é claro, eram particularmente liberais em tal matéria.

Agora, a camisinha branca não só saía para fora do decote, como também espreitava pelas rachas das mangas, desempenhando assim um papel preponderante na moda.

A Igreja não agradavam tais liberdades, pelo que exigiu que se usasse as chamadas «camisinhinhas do pescoço», destinadas a tapar toda a região do busto até acima, encobrendo o decote. Isto, porém, parece ter-se revelado pouco prático, já que, depois de 1520, se começou a usar a camisinha fechada junto ao pescoço, em pequenas pregas, rematadas com uma fitinha. A partir desta modesta gola desenvolveu-se a voluminosa «grande gola» pregueada, tal como nos aparece nos quadros de pintores espanhóis e holandeses dos fins do sc. XVI. O corte destas camisas era sempre igual — amplo e com encaixes em triângulo nas axilas para maior liberdade de movimento. A tinura do tecido — linho ou algodão — e os ornamentos e que variavam de acordo com a classe social. Se bem que se aceitasse que a

camisa interior de uma senhora da burguesia apresentasse em torno do pescoço um bordado a fio dourado e prateado, era no entanto essencial que os preços não excedessem um determinado montante. Só a classe mais privilegiada podia usar camisas de seda, sendo estas não só recamadas a ouro e prata, como também decoradas com pedras preciosas no pescoço e punhos.

Maria de Médices possuía camisas em seda vermelha, bordadas a ouro ou em mousseline tecida com fios dourados. No entanto, era muito poucas as senhoras que usavam camisas interiores e quando as possuíam, era comum mudá-las uma vez por mês.

Uma carta, escrita em 1672 por um parisiense, rezava assim: «Se bem que as senhoras francesas dêem grande valor a vestidos bonitos, o asseio da sua pessoa e das suas camisas deixa muito a desejar». A camisa da Infanta Isabel de Espanha foi, decerto, a mais famosa da História da Moda. Quando o seu marido iniciou em 1601 a ocupação de Ostende, ela jurou não tirar a camisa enquanto ela não conquistasse a cidade. Assim, presa ao seu juramento, envergou a mesma camisa por



Histórias da moda

mais de três anos. Da sua cor inicial branca, resultou a «cor isabelina», como ficou conhe-

cida. Ainda mesmo depois de meados do séc. XVIII, muita

gente não compreendia a necessidade de se mudar com frequência a camisa. «tal como

é hábito de alguns jovens». Dizia a Marquesa de Coislin: «No meu tempo, só possuíamos duas camisas, que se substituíam quando gastas pelo uso. Mas, em compensação, usávamos vestidos de seda. «Não surpreende, pois, que os contemporâneos de Napoleão se admirassem muitíssimo com o facto deste mudar diariamente de roupa e Josefina possuir 498 camisas. No séc. XIX, a situação iria sofrer uma alteração. A burguesia abastada, que agora dava o tom, também apreciava a

profusão e o luxo da roupa interior. Para evitar que o espartilho molestasse a pele, era de uso corrente a camisa, delicadamente bordada a branco e enteitada com bordado inglês. No entanto, para que o espartilho ficasse encoberto, usava-se por cima deste o chamado «cache-corset». Seguiam-se vários saíotes. Só a calcinha é que não era indispensável. Assim, o vestir era sempre algo de muito moroso!

Os Anos 20 puseram termo a esta autêntica montanha de roupa íntima, restando apenas o soutien ligeiro, a camisinha de seda e as calcinhas no mesmo material. Em alternativa, para o tempo particularmente frio, tinha grande saída a «charmeuse», malha de seda artificial. Antes de se pensar em aplicá-lo na «lingerie», este tecido foi inicialmente utilizado em corpetes para atletas, faixas para os pulsos e casaquinhos de dormir, isto por volta de 1870. Muito em breve já os fabricantes não podiam prescindir deste material.

Hoje em dia, não importa que seja em malha, fibra ou seda sintética, em verde, azul ou vermelho, com fitas ou rendas, com bonecos de banda desenhada ou às estrelinhas: não há limites à variedade oferecida. Por vezes torna-se difícil escolher entre a camisinha jovem, de padrões engraçados, e aquela pecinha de sonho, toda em seda e rendas vaporosas.



«Tony Bennett é o melhor cantor do nosso firmamento musical, o melhor intérprete para uma canção. Impressiona-me sempre que o vejo — tem alguma coisa que me enterece». (Frank Sinatra)

«Tony Bennett é o melhor entre todos os cantores que conheço». (Bing Crosby)

Declarações destas são normais e continuas na já longa carreira de Tony Bennett. Talvez que uma das razões do seu sucesso perene seja a capacidade de transmitir um tal grau de estímulo com a sua arte e enternecer com essa maravilha com que foi dotado — a sua voz extraordinária. «A emoção de cantar não esmoreceu ao longo de todos estes anos», diz Tony. «Todos os dias aprendo qualquer coisa. Nunca me fartei e acho que jamais isso acontecerá».

No ano passado, e após uma década de ausência dos estúdios, Tony Bennett lançou «The Art of Excellence», o seu 89.º álbum para a CBS, com produção de Ettore Stratta e Danny Bennett. Stratta, mais conhecido pelos seus excelentes trabalhos com Barbra Streisand, compôs um dos temas deste LP.

A direcção musical e os arranjos foram da responsabilidade de Jorge Calandrelli (orquestrador do tema do filme «The Color Purple»), que também escreveu uma faixa para Tony Bennett. Outros autores de renome, como James Taylor, Fred Astaire, Irving Berlin, Cy Coleman, Frank Loesser, Alan e Marilyn Bergman, Michel Legrand, Lambert e Potter, estão também patentes em «The Art of Excellence» que, fazendo jus ao seu título, foi gravado nos mais sofisticados moldes possíveis em termos de tecnologia.

Contrariamente à imagem que a maioria das pessoas possa ter sobre alguém que ganha a vida a cantar «canções de saloon», Tony Bennett é um indivíduo com

Tony Bennett: a emoção de cantar ainda não esmoreceu ao longo de todos estes anos

outros interesses culturais e capacidades para além da música. Sob o seu verdadeiro nome — Anthony Benedetto — ele é, por exemplo, um excelente pintor cujas obras têm sido expostas por todo o mundo. Na verdade, trata-se de um património artístico acumulado durante os últimos 25 anos e que, só muito recentemente, começou a poder ser apreciado pelo público em geral.

Uma colecção dos seus quadros a óleo foi reproduzida em litografias de edição limitada, consideradas de alta qualidade e expostas nas galerias de arte mais credenciadas da América. Um dos privilegiados colecionadores de originais de Benedetto é Cary Grant que, recentemente, adquiriu também o quadro «South of France». É igualmente motivo de grande honra para o pintor uma das suas últimas obras — o retrato oficial do governador de New York, Mário Cuomo, que ficará para sempre exposto no Jacob Javits Convention Center de New York City.

Filho de um comerciante de Astoria, Quenns (New York), Bennett cresceu cantando e desenhado. Depois do serviço militar, a sua vida começa a mudar. «Tudo começou em 1949», diz ele, «quando fiz uma audição no Greenwich Village Inn para uma revista em que participava Pearl Baily. Bob Hope ouviu-me nesse show e perguntou-me se queria acompanhá-lo, cantando no Teatro da Paramount. Não

gostou do meu nome artístico (Joe Bari) e quis saber qual era o verdadeiro. Pensou um pouco e decidiu — «Vamos chamar-te Tony Bennett». Assim comecei esta louca carreira, já lá vão quase quarenta anos».

Tony Bennett foi já galaradoado pela Academia Nacional de Música Popular com o «Lifetime Achievement Award» — uma especial deferência e agradecimento em nome de todos os autores e compositores que, através da sua voz, logaram enaltecer as suas canções.

Recuando até princípios dos anos 50, quando Tony Bennett iniciou a sua carreira, certamente haverá quem recorde as suas célebres baladas com inflexões quase líricas, em temas como «Be-cause of You», «Cold Cold Heart», «Rags to Riches» e «Stranger in Paradise». Quem foi da geração de Elvis e dos Beatles, não pode deixar de conhecer esse seu estilo tão diverso que levou aops tops melodias inesquecíveis como «I Wanna Be Around», «The Good Life», «If I Ruled the World», «For Once In My Life» e, claro, o seu «ex-libris» — «I Left My Heart in San Francisco».

Mas, o coração de Tony Bennett sempre vibrou com o jazz. Embora não seja propriamente um cantor de jazz, trabalhou desde o início com alguns dos melhores músicos e arranjadores do estilo. Aliás, ele é um dos poucos intérpretes — senão mesmo o único — que se

pode gaçar de ter cantado com o apoio musical das orquestras de Ellington, Basie, Woody Herman, Stan Kenton e Buddy Miles, pautas escritas por Ralph Burns, Johnny Mandel, Neal Hefti, Quincy Jones e Gil Evans. Noutras ocasiões, tem actuado com Herbie Hancock, Stan Getz, Zoot Sims, Jo Jones, Elvin Jones, Ruby Braff, Tommy Flanagan e Harry «Sweets» Edison. Em meados dos anos 70, fez dois magníficos álbuns sob a direcção musical de Bill Evans, indubitavelmente o pianista de jazz mais influente do passado quarto de século.

Mas, embora muitos cantores tenham gravado com nomes grandes do jazz, poucos serão tão conhecedores e devotos à música como Tony Bennett.

E realmente com autoridade que ele pode falar sobre Miles Davis ou John Coltrane, ou ainda sobre o brilhante cantor e compositor brasileiro Milton Nascimento.

Durante uma recente estadia em Boston, Bennett concedeu uma entrevista a James Isaacs, que se passa a transcrever nas linhas seguintes:

O teu contrato com a CBS data já de 1951, não é?

Sim. Fui contratado por Mitch Miller em 1951. Ele ouvira dizer que Bob Hope tinha um cantor no seu elenco artístico — que era eu — e pediu uma audição. Enviei-lhe uma maquete com «Boulevard of Broken

Dreams», que lhe agradou bastante: «Vamos aproveitá-la para o lado A», disse. Tornou-se quase um hit, o que foi ótimo para mim, pois permitiu que actuasse pela primeira vez fora do âmbito da tournée de Bob Hope.

Nas tuas tournées, utilizavas a tua própria banda ou cantavas com as orquestras locais?

Costumava andar juntamente com Chuck Wayne, o grande guitarrista, e actuávamos dentro dos moldes de Billie Holiday e Art Tatum — só os dois. Mas, por vezes, éramos acompanhados pelas orquestras dos bares onde davamos espectáculos. Claro que, naquela altura, eu era um principiante...

Qual era a tua formação musical?

Tive uma boa professora de canto, Miriam Speir, que vivia na 52 and Street.

Costumava dizer-me: «Não imites cantores, imita músicos». Era uma pessoa muito calma... «Escolhe um músico de quem gostes». Eu gostava do modo como Tatum trabalhava as canções...

Conheceste Tatum?

Sim, encontrei-o várias vezes. Ainda hoje me impressiono ao ouvir os seus discos. Uma vez, em Cleveland, vi-o tocar «Danny Boy»; a audiência chorava. Foi uma das coisas mais bonitas a que assisti. Fiquei de tal modo impressionado que baptizei o meu filho de Danny.

Quando assinaste com a editora, o teu produtor era Mitch Miller, um dos mais credenciados — senão o melhor — naquela época. Restava-te muito pouco espaço de manobra em termos criativos, não?

Bem, para falar verdade, Mitch sempre me tratou muito bem, embora por vezes discutíssemos, no fundo, ele compreendia-me. Alex Wider, seu grande amigo, era meu fan. Conhecemo-nos em casa de Miriam Speir. Ele estava sempre a pedir a Mitch que me deixasse fazer qualquer coisa; então, Mitch dava-me uma canção para eu trabalhar. Acho que era justo. Embora muitos se queixassem dele, para mim, sempre foi muito cooperante. Ainda hoje utilizo algumas das suas concepções em estúdio.

Quais?

Estar preparado para trabalhar a sério, bem ensaiado, ser um verdadeiro profissional; não ler a pauta, mas memorizá-la. Ele era um bom músico clássico e sabia o que era a disciplina. Quando somos jovens, julgamo-nos capazes de fazer tudo, mas não sabemos realmente disciplinar-nos; só mais tarde aprendemos que a disciplina é a nossa melhor aliada. Muitos anos depois, fiz seis «Especiais» para a BBC e toda a gente ficou boquiaberta quando, no fim, fui felicitado pelos produtores e realizadores que me consideraram o máximo em profissionalismo. Toda esta experiência me ajudou.

É certo que houve algu-

mas canções mais inovadoras, com «Rags To Riches», que quase precisaram atar-me para eu as contar... e, afinal, eram sucessos enormes. Ai, eu enganava-me redondamente; mas eles sabiam que eu era bom em baladas e Mitch costumava dizer: «Sempre que ele faz um êxito com uma canção, quer passar ao jazz». A sua reacção era sempre esta, porque de facto era um tipo bastante clássico.

Mas o teu primeiro álbum, «Cloud 7» tinha, de facto, muita orientação jazz...

Quase fomos corridos a pontapé do estúdio; trataram-me como uns irresponsáveis, diziam que éramos completamente loucos.

Não se percebe bem porque, as canções eram bastante comuns. Era um disco bem bonito...

Sabes que, nessa época, as coisas eram diferentes. Só se faziam álbuns de música clássica. Um cantor pop editava apenas singles; gravar um álbum era uma ousadia.

Mitch Miller assistiu às gravações de «Cloud 7»? Parece óbvio, pelo seu contexto, que a produção não é dele.

Não. Ele deixou gravar o álbum mas não era o favor. Foi Chuck Wayne que praticamente fez tudo, incluindo os arranjos.

Estavas nervoso?

Se estava! E, como disse, fomos muito mal tratados no estúdio. Mas, curiosamente, anos mais tarde Miles Davis disse-me que a canção de



apreciada por Johnny Carson — «longevidade».

Dos teus trabalhos com Bill Evans, que tipo de impressão te ficou? Como era ele?

Era um tipo fantástico, um músico verdadeiramente excelente. Muito eloquente, o máximo em sensibilidade e gosto musicais. Trabalhava três a quatro horas cada canção — primeiro em conjunto comigo, depois gostava de ficar só para preparar a produção.

Quando conheste Basie?

Nos anos 50, em Birdland. Era tão fácil trabalhar com ele! A sua atitude passou a ser a minha filosofia — economia de palavras, simplicidade e «swing».

Que tipo de diferenças encontraste entre trabalhar com Ellington, Basie e Woody Herman?

Basie era terra-a-terra; a sua música tinha estruturas bastante fixas. Ellington era a espiritualidade universal. Gravaste alguma vez com Ellington?

Não; só fiz concertos. Voltando à pergunta anterior, quanto a Woody, acho que ele foi para mim um dos melhores mestres que conheci. Aliás, de entre a quantidade imensa de músicos que ele ensinou, todos lhe têm uma admiração sem limites.

Alguns deles confessavam-lhe: «Eu não sei ler música...» e Woody respondia: «Entre para o coreto e aprende». Com a sua paciência, eles aprendiam mesmo e tornavam-se ótimos músicos.

Quais as tuas principais influências?

Louis Armstrong e Bing Crosby. Claro que Louis era o «mago» de todos nós — uma influência obrigatória!

Agora, surgiu «Jazz», um duplo-álbum excelente, chegado até nós via importação nos formatos LP duplo e CD simples, que, como o próprio título deixa antever, percorre o mundo do jazz desde compositores famosos a intérpretes inesquecíveis — em suma, um trabalho em que o jazz é tratado com a dignidade e valor que amplamente merece.

«Tony Bennett é o melhor cantor do nosso firmamento musical, o melhor intérprete para uma canção. Impressiona-me sempre que o vejo — tem alguma coisa que me enterece». (Frank Sinatra)

«Tony Bennett é o melhor entre todos os cantores que conheço». (Bing Crosby)

Declarações destas são normais e continuas na já longa carreira de Tony Bennett. Talvez que uma das razões do seu sucesso perene seja a capacidade de transmitir um tal grau de estímulo com a sua arte e enternecer com essa maravilha com que foi dotado — a sua voz extraordinária. «A emoção de cantar não esmoreceu ao longo de todos estes anos», diz Tony. «Todos os dias aprendo qualquer coisa. Nunca me fartei e acho que jamais isso acontecerá».

No ano passado, e após uma década de ausência dos estúdios, Tony Bennett lançou «The Art of Excellence», o seu 89.º álbum para a CBS, com produção de Ettore Stratta e Danny Bennett. Stratta, mais conhecido pelos seus excelentes trabalhos com Barbra Streisand, compôs um dos temas deste LP.

A direcção musical e os arranjos foram da responsabilidade de Jorge Calandrelli (orquestrador do tema do filme «The Color Purple»), que também escreveu uma faixa para Tony Bennett. Outros autores de renome, como James Taylor, Fred Astaire, Irving Berlin, Cy Coleman, Frank Loesser, Alan e Marilyn Bergman, Michel Legrand, Lambert e Potter, estão também patentes em «The Art of Excellence» que, fazendo jus ao seu título, foi gravado nos mais sofisticados moldes possíveis em termos de tecnologia.

Contrariamente à imagem que a maioria das pessoas possa ter sobre alguém que ganha a vida a cantar «canções de saloon», Tony Bennett é um indivíduo com

Tony Bennett: a emoção de cantar ainda não esmoreceu ao longo de todos estes anos

outros interesses culturais e capacidades para além da música. Sob o seu verdadeiro nome — Anthony Benedetto — ele é, por exemplo, um excelente pintor cujas obras têm sido expostas por todo o mundo. Na verdade, trata-se de um património artístico acumulado durante os últimos 25 anos e que, só muito recentemente, começou a poder ser apreciado pelo público em geral.

Uma colecção dos seus quadros a óleo foi reproduzida em litografias de edição limitada, consideradas de alta qualidade e expostas nas galerias de arte mais credenciadas da América. Um dos privilegiados colecionadores de originais de Benedetto é Cary Grant que, recentemente, adquiriu também o quadro «South of France». É igualmente motivo de grande honra para o pintor uma das suas últimas obras — o retrato oficial do governador de New York, Mário Cuomo, que ficará para sempre exposto no Jacob Javits Convention Center de New York City.

Filho de um comerciante de Astoria, Quenns (New York), Bennett cresceu cantando e desenhado. Depois do serviço militar, a sua vida começa a mudar. «Tudo começou em 1949», diz ele, «quando fiz uma audição no Greenwich Village Inn para uma revista em que participava Pearl Baily. Bob Hope ouviu-me nesse show e perguntou-me se queria acompanhá-lo, cantando no Teatro da Paramount. Não

gostou do meu nome artístico (Joe Bari) e quis saber qual era o verdadeiro. Pensou um pouco e decidiu — «Vamos chamar-te Tony Bennett». Assim comecei esta louca carreira, já lá vão quase quarenta anos».

Tony Bennett foi já galaradoado pela Academia Nacional de Música Popular com o «Lifetime Achievement Award» — uma especial deferência e agradecimento em nome de todos os autores e compositores que, através da sua voz, logaram enaltecer as suas canções.

Recuando até princípios dos anos 50, quando Tony Bennett iniciou a sua carreira, certamente haverá quem recorde as suas célebres baladas com inflexões quase líricas, em temas como «Be-cause of You», «Cold Cold Heart», «Rags to Riches» e «Stranger in Paradise». Quem foi da geração de Elvis e dos Beatles, não pode deixar de conhecer esse seu estilo tão diverso que levou aops tops melodias inesquecíveis como «I Wanna Be Around», «The Good Life», «If I Ruled the World», «For Once In My Life» e, claro, o seu «ex-libris» — «I Left My Heart in San Francisco».

Mas, o coração de Tony Bennett sempre vibrou com o jazz. Embora não seja propriamente um cantor de jazz, trabalhou desde o início com alguns dos melhores músicos e arranjadores do estilo. Aliás, ele é um dos poucos intérpretes — senão mesmo o único — que se

pode gaçar de ter cantado com o apoio musical das orquestras de Ellington, Basie, Woody Herman, Stan Kenton e Buddy Miles, pautas escritas por Ralph Burns, Johnny Mandel, Neal Hefti, Quincy Jones e Gil Evans. Noutras ocasiões, tem actuado com Herbie Hancock, Stan Getz, Zoot Sims, Jo Jones, Elvin Jones, Ruby Braff, Tommy Flanagan e Harry «Sweets» Edison. Em meados dos anos 70, fez dois magníficos álbuns sob a direcção musical de Bill Evans, indubitavelmente o pianista de jazz mais influente do passado quarto de século.

Mas, embora muitos cantores tenham gravado com nomes grandes do jazz, poucos serão tão conhecedores e devotos à música como Tony Bennett.

E realmente com autoridade que ele pode falar sobre Miles Davis ou John Coltrane, ou ainda sobre o brilhante cantor e compositor brasileiro Milton Nascimento.

Durante uma recente estadia em Boston, Bennett concedeu uma entrevista a James Isaacs, que se passa a transcrever nas linhas seguintes:

O teu contrato com a CBS data já de 1951, não é?

Sim. Fui contratado por Mitch Miller em 1951. Ele ouvira dizer que Bob Hope tinha um cantor no seu elenco artístico — que era eu — e pediu uma audição. Enviei-lhe uma maquete com «Boulevard of Broken

Dreams», que lhe agradou bastante: «Vamos aproveitá-la para o lado A», disse. Tornou-se quase um hit, o que foi ótimo para mim, pois permitiu que actuasse pela primeira vez fora do âmbito da tournée de Bob Hope.

Nas tuas tournées, utilizavas a tua própria banda ou cantavas com as orquestras locais?

Costumava andar juntamente com Chuck Wayne, o grande guitarrista, e actuávamos dentro dos moldes de Billie Holiday e Art Tatum — só os dois. Mas, por vezes, éramos acompanhados pelas orquestras dos bares onde davamos espectáculos. Claro que, naquela altura, eu era um principiante...

Qual era a tua formação musical?

Tive uma boa professora de canto, Miriam Speir, que vivia na 52 and Street.

Costumava dizer-me: «Não imites cantores, imita músicos». Era uma pessoa muito calma... «Escolhe um músico de quem gostes». Eu gostava do modo como Tatum trabalhava as canções...

Conheceste Tatum?

Sim, encontrei-o várias vezes. Ainda hoje me impressiono ao ouvir os seus discos. Uma vez, em Cleveland, vi-o tocar «Danny Boy»; a audiência chorava. Foi uma das coisas mais bonitas a que assisti. Fiquei de tal modo impressionado que baptizei o meu filho de Danny.

Quando assinaste com a editora, o teu produtor era Mitch Miller, um dos mais credenciados — senão o melhor — naquela época. Restava-te muito pouco espaço de manobra em termos criativos, não?

Bem, para falar verdade, Mitch sempre me tratou muito bem, embora por vezes discutíssemos, no fundo, ele compreendia-me. Alex Wider, seu grande amigo, era meu fan. Conhecemo-nos em casa de Miriam Speir. Ele estava sempre a pedir a Mitch que me deixasse fazer qualquer coisa; então, Mitch dava-me uma canção para eu trabalhar. Acho que era justo. Embora muitos se queixassem dele, para mim, sempre foi muito cooperante. Ainda hoje utilizo algumas das suas concepções em estúdio.

Quais?

Estar preparado para trabalhar a sério, bem ensaiado, ser um verdadeiro profissional; não ler a pauta, mas memorizá-la. Ele era um bom músico clássico e sabia o que era a disciplina. Quando somos jovens, julgamo-nos capazes de fazer tudo, mas não sabemos realmente disciplinar-nos; só mais tarde aprendemos que a disciplina é a nossa melhor aliada. Muitos anos depois, fiz seis «Especiais» para a BBC e toda a gente ficou boquiaberta quando, no fim, fui felicitado pelos produtores e realizadores que me consideraram o máximo em profissionalismo. Toda esta experiência me ajudou.

É certo que houve algu-

mas canções mais inovadoras, com «Rags To Riches», que quase precisaram atar-me para eu as contar... e, afinal, eram sucessos enormes. Ai, eu enganava-me redondamente; mas eles sabiam que eu era bom em baladas e Mitch costumava dizer: «Sempre que ele faz um êxito com uma canção, quer passar ao jazz». A sua reacção era sempre esta, porque de facto era um tipo bastante clássico.

Mas o teu primeiro álbum, «Cloud 7» tinha, de facto, muita orientação jazz...

Quase fomos corridos a pontapé do estúdio; trataram-me como uns irresponsáveis, diziam que éramos completamente loucos.

Não se percebe bem porque, as canções eram bastante comuns. Era um disco bem bonito...

Sabes que, nessa época, as coisas eram diferentes. Só se faziam álbuns de música clássica. Um cantor pop editava apenas singles; gravar um álbum era uma ousadia.

Mitch Miller assistiu às gravações de «Cloud 7»? Parece óbvio, pelo seu contexto, que a produção não é dele.

Não. Ele deixou gravar o álbum mas não era o favor. Foi Chuck Wayne que praticamente fez tudo, incluindo os arranjos.

Estavas nervoso?

Se estava! E, como disse, fomos muito mal tratados no estúdio. Mas, curiosamente, anos mais tarde Miles Davis disse-me que a canção de



apreciada por Johnny Carson — «longevidade».

Dos teus trabalhos com Bill Evans, que tipo de impressão te ficou? Como era ele?

Era um tipo fantástico, um músico verdadeiramente excelente. Muito eloquente, o máximo em sensibilidade e gosto musicais. Trabalhava três a quatro horas cada canção — primeiro em conjunto comigo, depois gostava de ficar só para preparar a produção.

Quando conheste Basie?

Nos anos 50, em Birdland. Era tão fácil trabalhar com ele! A sua atitude passou a ser a minha filosofia — economia de palavras, simplicidade e «swing».

Que tipo de diferenças encontraste entre trabalhar com Ellington, Basie e Woody Herman?

Basie era terra-a-terra; a sua música tinha estruturas bastante fixas. Ellington era a espiritualidade universal. Gravaste alguma vez com Ellington?

Não; só fiz concertos. Voltando à pergunta anterior, quanto a Woody, acho que ele foi para mim um dos melhores mestres que conheci. Aliás, de entre a quantidade imensa de músicos que ele ensinou, todos lhe têm uma admiração sem limites.

Alguns deles confessavam-lhe: «Eu não sei ler música...» e Woody respondia: «Entre para o coreto e aprende». Com a sua paciência, eles aprendiam mesmo e tornavam-se ótimos músicos.

Quais as tuas principais influências?

Louis Armstrong e Bing Crosby. Claro que Louis era o «mago» de todos nós — uma influência obrigatória!

Agora, surgiu «Jazz», um duplo-álbum excelente, chegado até nós via importação nos formatos LP duplo e CD simples, que, como o próprio título deixa antever, percorre o mundo do jazz desde compositores famosos a intérpretes inesquecíveis — em suma, um trabalho em que o jazz é tratado com a dignidade e valor que amplamente merece.

A semana da TV

Segunda-feira, 14

RTP-1

- 09.00 — Abertura e Bom Dia
- 10.00 — As Dez
- 12.20 — Selva de Pedra
- 13.00 — Jornal da Tarde
- 13.30 — O Império de Carson
- 14.15 — Um Amigo Especial
- 15.05 — Al Jarreau
- 16.00 — A Última Fronteira
- 16.30 — Ponto por Ponto
- 17.30 — Brinca Brincando — «Piat», «Hey Bumboo», «Tim Tim» e «Tao Tao» — Os Três Macacos Azuis».
- 18.15 — Tempos Modernos
- 19.30 — Telejornal
- 20.00 — Bolsa Dia-a-Dia
- 20.07 — O Tempo
- 20.10 — Boletim Agrário do Ministério da Agricultura
- 20.20 — Passerelle
- 21.05 — Norte e Sul
- 22.50 — A Escrita da Casa — «A Casa de Tormes».
- 23.20 — 24 Horas
- 23.55 — Remate

RTP-2

- 15.00 — Abertura e Filhos e Filhas
- 15.25 — Agora, Escolha!
- 16.55 — Helena
- 17.30 — Trinta Minutos Com...
- 18.00 — Histórias Maravilhosas
- 19.00 — Music Box Especial
- 19.55 — Clássicos da TV — «O Fugitivo».
- 20.45 — Cem Grandes Quadros
- 21.00 — Jornal das Nove
- 21.30 — Maude
- 21.55 — Conta Corrente — Magazine de Economia.
- 22.25 — La Gazza Ladra — «Opera».

Terça-feira, 15

RTP-1

- 09.00 — Abertura e Bom Dia
- 10.00 — As Dez
- 12.20 — Selva de Pedra
- 13.00 — Jornal da Tarde
- 13.30 — Dallas
- 14.15 — Os Super-Gatos
- 15.05 — The Aids — Day Benefit
- 16.00 — A Última Fronteira
- 16.30 — Ponto por Ponto
- 17.30 — Brinca Brincando — «Piat», «Hey Bumboo», «Tim Tim», «As Aventuras do Pardal Nico» e «Livros Jovens».
- 18.15 — Tempos Modernos
- 19.30 — Telejornal
- 20.00 — Bolsa Dia-a-Dia
- 20.07 — O Tempo
- 20.11 — Boletim Agrário do Ministério da Agricultura
- 20.20 — Passerelle
- 21.05 — Modelo e Detective
- 22.00 — Primeira Página
- 23.05 — Tribunal de Policia
- 23.35 — 24 Horas
- 00.05 — Remate

RTP-2

- 15.00 — Abertura e Filhos e Filhas
- 15.25 — Primeiro Andamento — «Pequena Missa Solene».
- 17.00 — Helena
- 17.35 — Trinta Minutos Com...
- 18.00 — Music Box

- 19.00 — Music Box — «Off The Wall».
- 19.55 — Clássicos na TV — «O Fugitivo».
- 20.45 — Cem Grandes Quadros
- 21.00 — Jornal das Nove
- 21.30 — Maude
- 21.55 — Cinemadois — «Astalito Quente».

Quarta-feira, 16

RTP-1

- 09.00 — Abertura e Bom Dia
- 10.00 — As Dez
- 12.20 — Selva de Pedra
- 13.00 — Jornal da Tarde
- 13.30 — Fama
- 14.15 — Viagem do Mimi
- 15.05 — Welcome Home
- 16.00 — A Última Fronteira
- 16.30 — Ponto por Ponto
- 17.30 — Brinca Brincando — «Piat», «Hey Bumboo», «Tim Tim» e «Vento nos Salgueiros».
- 18.15 — Tempos Modernos
- 19.30 — Telejornal
- 20.00 — Bolsa Dia-a-Dia
- 20.07 — O Tempo
- 20.11 — Boletim Agrário do Ministério da Agricultura
- 20.15 — Vamos Jogar no Totobola
- 20.30 — Passerelle
- 21.15 — Lotação Esgotada — Curta metragem de Desenhos Animados — «Glória».
- 23.45 — 24 Horas
- 00.20 — Remate

RTP-2

- 15.00 — Abertura e Filhos e Filhas
- 15.25 — Agora, Escolha!
- 16.55 — Helena
- 17.30 — Trinta Minutos Com...
- 18.00 — A Rota da Seda
- 19.00 — Music Box — Hit Machine
- 19.55 — Clássicos da TV — «O Fugitivo».
- 20.45 — Cem Grandes Quadros
- 21.00 — Jornal das Nove
- 21.30 — Maude
- 21.55 — O Primo Basilio

Quinta-feira, 17

RTP-1

- 09.00 — Abertura e Bom Dia
- 10.00 — As Dez
- 12.20 — Selva de Pedra
- 13.00 — Jornal da Tarde
- 13.30 — Ilha da Fantasia
- 14.15 — O Regresso do Antipole
- 15.05 — Lionel Richie (Tour)
- 16.00 — A Última Fronteira
- 16.30 — Ponto por Ponto
- 17.30 — Brinca Brincando — «Piat», «Hey Bumboo», «Tim Tim» e «Os Filhos dos Flintstones».
- 18.15 — Tempos Modernos
- 19.30 — Telejornal
- 20.00 — Bolsa Dia-a-Dia
- 20.07 — O Tempo
- 20.11 — Boletim Agrário do Ministério da Agricultura
- 20.20 — Passerelle
- 21.05 — Os Amores de Napoleão e Josefina
- 22.10 — Os Trovante no Campo Pequeno
- 23.15 — 24 Horas
- 23.50 — Remate

RTP-2

- 15.00 — Abertura e Filhos e Filhas
- 15.25 — Joana
- 16.10 — E Tudo Comédia

A semana da TV

- 16.30 — Quem Sai aos Seus...
- 16.55 — Helena
- 17.30 — Trinta Minutos Com...
- 18.00 — A Malta de Bronx
- 19.00 — Music Box — «European Top 40»
- 19.55 — Clássicos da TV — «O Fugitivo»
- 20.45 — Cem Grandes Quadros
- 21.00 — Jornal das Nove
- 21.30 — Maude
- 21.55 — Hora da Verdade
- 22.55 — Hitchcock Apresenta...

Sexta-feira, 18

RTP-1

- 09.00 — Abertura e Bom Dia
- 10.00 — Às Dez
- 12.20 — Selva de Pedra
- 13.00 — Jornal da Tarde
- 13.30 — A Herança dos Guldenburgs
- 14.15 — Fantasia e Realidade
- 15.05 — Huey Lewis
- 16.00 — A Última Fronteira
- 16.30 — Ponto Por Ponto
- 17.30 — Brinca Brincando — «Piat», «Hey Bumbo», «Tim Tim» e «Manni, o Jovem Futebolista»
- 18.15 — Tempos Modernos
- 19.30 — Telejornal
- 20.00 — Bolsa Dia-a-Dia
- 20.07 — O Tempo
- 20.11 — Boletim Agrário do Ministério da Agricultura
- 20.20 — Passerelle
- 21.05 — Telemundo
- 21.35 — O Corrigidor — Teatro
- 22.50 — 24 Horas
- 23.15 — Remate
- 23.25 — Pela Noite Dentro — «Toughlove — O Amor Contra a Droga»

RTP-2

- 15.00 — Abertura e Filhos e Filhas
- 15.25 — Agora, Escolha!...
- 16.55 — Helena
- 17.30 — Giramundo
- 18.00 — Equinócio
- 19.00 — Music Box — «Rocking in the UK»
- 19.55 — Clássicos da TV — «O Fugitivo»
- 20.45 — Cem Grandes Quadros
- 21.00 — Jornal das Nove
- 21.30 — Maude
- 22.05 — Africanissimo
- 23.05 — Berlim, Praça Alexandre
- 24.00 — Rotações — Desporto

Sábado, 19

RTP-1

- 09.00 — Abertura e Juventude e Família — «Aldeia das Brincadeiras — O Lobo e o Cordeiro», «A Família Robinson», «Mascarilha», «Desporto e Ciência», «Roque e Role», e «Bonanza»
- 12.00 — Ballerina
- 13.00 — Notícias
- 13.10 — Os Espectaculares Recordes Guinness
- 13.35 — Parlamento
- 14.05 — Sessão da Tarde — «O Direito de Viver»
- 15.40 — Vivamúsica
- 16.30 — Miss Marple Investiga
- 17.35 — O Romance da Raposa
- 17.40 — O Nosso Século
- 19.10 — Sete Folhas
- 19.45 — Totoloto
- 20.00 — Jornal de Sábado
- 21.15 — O Tempo
- 21.35 — A Magia de David Copperfield
- 22.40 — O Medo
- 23.45 — Cinema da Meia-Noite — «As Motos da Morte»

Passerelle

(Resumo dos episódios da semana)

36.º EPISÓDIO (2.ª-FEIRA)

Isabel é informada da desapareção de Ritinha. Ninguém tem a certeza de que esteja com a mãe. Amélia avisa Luzia de que o Gil vem jantar. Ela diz que não pode servir a mesa porque tem aulas. A Leonor pede ao Miguel uma máquina fotográfica para fazer uma investigação. Uma cliente do consultório conta a Célia que lhe assaltaram a casa. Marta diz ao André que a Ana Rita lhe pediu asilo porque lhe assaltaram o apartamento. A operação de Maria do Carmo correu bem. Leonor segue Ana Rita que leva a Ritinha para casa da Marta. Catarina vai ter a clínica para passar a noite junto da mãe. Leonor avisa Isabel que a Ritinha está bem. Célia prepara-se para sair com Armando. Maria do Carmo sente-se mal.

37.º EPISÓDIO (3.ª-FEIRA)

Célia apresenta-se em casa de Luis aproveitando a ausência da família deste. Vai reclamar a jóia, mas Custódia esconde-a. Gil pede a Rosarinho que o leve a casa antes de ir jantar a casa dos Guimarães. Quando chega a casa cruza-se com Célia que vem a sair. O professor vai ver a doente que melhora um pouco. Leonor conta às professoras como descobriu a Ritinha. Célia vai com o Armando atogar as magoas num bar. Encontra o engenheiro Artur, amigo do Luis e cliente do consultório que os convida para uma bebida. André lamenta que Catarina não tenha podido vir jantar. Armando telefona a Lurdes para ir ter com eles ao bar. Marta diz a Ana Rita que a sua atitude pode prejudicar a Ritinha. Luis liga para casa da Célia e a Lurdes diz-lhe que eles estão na boite com o engenheiro.

38.º EPISÓDIO (4.ª-FEIRA)

Luis aceita um convite de D. Aurora para almoçar. Custódia visita Maria do Carmo na clínica. Armando diz a Wanda que está louco por ela, mas Wanda explica-lhe que não está interessada. O professor visita a doente. Lurdes pede desculpa a Célia por ter dito ao Luis que eles tinham saído no carro dele. Gil pergunta a Custódia se esteve uma mulher lá em casa. Luzia conta a Amélia que tem um pretendente. Marta queixa-se que ter uma criança lá em casa lhe transtorna um pouco a vida. Luis Cardoso comenta com um colaborador que o Teixeira com tantas mesuras acabou por empatar o assunto do empréstimo. Catarina faz um amigo na escola de manequins. Vasco telefona de fora e manda Ana Rita levar a Ritinha à professora. Maria entrega a Lena uma carta do tio de Viseu.

39.º EPISÓDIO (5.ª-FEIRA)

A carta do tio da Lena obriga-os a apressar o casamento. Ana Rita mostra-se impaciente com o comportamento da tilha. Wanda diz a Armando que tem de ir sair com o Tó Gonzaga. Célia arranja-se para ir sair com o engenheiro. Marta telefona a Leonor. Célia discute com o engenheiro no restaurante. Isaura vê Luzia a namorar com o Raul e vai logo meter intrigas a Amélia. Entretanto fica ofendida porque a Amélia não quer que ela se sente no salão. O colega da Catarina vai busca-la ao emprego. D. Aurora e Luis Cardoso fazem um acordo.

40.º EPISÓDIO (6.ª-FEIRA)

Marta almoça com Leonor e Miguel que lhe apresentam Isabel. Chegam à conclusão que Ana Rita estará disposta a entregar a Ritinha a Leonor. Luzia escolhe uma carta do correio de André e guarda-a. Teixeira diz a Tó Gonzaga que só faz o negócio em atenção ao pai dele. Isaura conta a Amélia que a casa do Teixeira é muito velha. Raul pede ao Armando que lhe arranje um emprego. Gil confessa a Rosarinho que não consegue concentrar-se no estudo. Armando dá dinheiro a Raul para comprar uma prenda a Luzia. Leonor e Ze Ricardo combinam o casamento. Célia aconselha Armando a tratar melhor Lurdes, mas enquanto esta lava a loiça ele recebe um telefonema da Wanda. O estado de saúde de Maria do Carmo piora bastante. Quando Gil tenta ter uma conversa com o pai, Isabel telefona da clínica.



O regresso da Susana

Há quanto tempo não escrevo uma história?

Fiz uma viagem pelo tempo dourado, lembram-se?

Foi maravilhoso o reencontro, o verde era mais viçoso, o Verão tocava os pinheiros de toda a sua beleza, as aves e animais, selvagens como nos primórdios dos tempos...

Há quanto tempo não escrevo uma história?...

Era uma vez... uma viagem...

As amizades sucediam-me, parecendo as distâncias das terras desconhecidas que o comboio galgava como « cavalos soltos ao vento ».

Os alimentos eram repartidos, falavam-se vários idiomas numa tentativa de compreensão...

Crianças, animais domésticos, gatos, cães, passaros, entre outros, dormitavam ao compasso do andamento da grande máquina de ferro...

Os viajantes apresentavam os cabelos desgrenhados, olheiras profundas e os vestuários completamente

amarrotados; todo o comboio exalava um odor a constantes mudanças de clima, impregnado de pó, suor e vários perfumes que se transformavam numa mistura de cheiros indescrivíveis...

A medida em que as dispersas estações se sucediam as carruagens iam ficando desertas, até que aquela viagem chegou ao seu término...

Susana, de mochila de ganga ao ombro dirigiu-se para a cidade.

Cartazes publicitários, entre eles os de «boas-vindas» coloriam a berma do rio cinzento que serpenteava as zonas comerciais com uma ponte em ferro oxidado.

As ruelas, amontoadas de estabelecimentos e produtos expostos, pareciam uma teia em forma de puzzle.

— Bom dia menina, por favor sabe dizer-me para que lado fica a estação?

Susana transportada do seu sonho para a realidade, respondeu rapidamente e dirigiu-se para o ponto onde vários jovens pediam boleia às viaturas que rumavam para sítios comuns.

Entabulou conversa com

um casal, até que um automobilista parou resolveu a transportá-los consigo.

O burburinho da cidade ia-se desvanecendo à medida que a viatura se dirigia para uma pequena aldeia perdida entre as montanhas.

O largo da praça, o parque, com algumas das suas frondosas árvores derrubadas, o espaço intantil, que ao anoitecer se encontrava já deserto com a areia branca revolvida e o cavaleiro de madeira garrida com o rabo partido...os cisnes no lago impassíveis e intocáveis.

O mesmo caté com a sala de jogos, os correios, a igreja, a escola e a provinciana dependência bancária, todo o centro da aldeia parecia ter parado no tempo.

Os habitantes, alguns morreram, outros apresentavam traços de velhice, muitos mudaram-se para a cidade e os mais novos eram desconhecidos estorçando-se ela em reconhecer traços familiares.

A noite estava no seu auge, Susana, como tantas vezes, vagueou pelo silêncio, aspirou o perfume quente da terra das montanhas, os grilos cantaravam à

luz entrecortada da Lua pelas nuvens do Verão, em extinção.

No rio, antes vivo, nasceram ervas por todo o leito morto e a ponte estava vazia de risos juvenis, convidando ao descanso, à reflexão e ao esquecimento.

Susana, como que querendo assimilar toda a magia que a rodeava, olhava sotregadamente os mais íntimos recantos dirigindo-se finalmente para o macio do seu quarto, no primeiro andar de uma vivenda antiga que lembrava e evocava lendas e sonhos históricos e ultrapassados.

O papel de parede com rosas desenhadas, a árvore do jardim a tocar a janela, o cão, dormitando na estufa do jardim, a gatinha que num salto tonto entrou pela vidraça entreaberta e se enroscou no leito ao lado da Susana...

O rádio despertador tocava uma melodia de Piaf...

As estrelas brilhavam intensamente e o Sol no próximo amanhecer seria diferente...

Susana regressara da sua viagem pelo tempo dourado...

Noémia Fidalgo